

LUIZA TRIGO

NA PORTA AO  
LADO



**ROCCO**  
JOVENS LEITORES

LUIZA TRIGO

NA PORTA AO  
LADO

**ROCCO**  
JOVENS LEITORES

*Este livro é para o meu irmão, Rafa,  
que vai dizer que não sabe o porquê,  
mas sem ele esta história simplesmente  
não existiria.*





# A VIDA COMO ELA É

**A**ssim que meu despertador tocou, pulei da cama e saí correndo. Mamãe tentou falar comigo, mas eu simplesmente a ignorei. Eu sabia o que ela ia dizer e sabia que estragaria a minha manhã. A minha tarde já prometia ser terrível, então me dei o direito de preservar a primeira metade do dia.

Acho ridículo as aulas começarem duas semanas antes do carnaval, mas estava feliz porque iria rever as meninas. Não as ter por perto num momento tão difícil me deixou extremamente carente e estava morrendo de saudade de todas.

Os primeiros que avistei no colégio foram Bia, Bruno e Amanda, que gargalhava horrores contando uma de suas histórias. Corri feliz da vida ao encontro deles e a Bia me abraçou por alguns bons segundos. Ela é a mais fofa de todas nós, sempre companheira e compreensiva. Eu diria até que é a cabeça do grupo; é para ela que corremos quando alguma coisa acontece, então ela se encarrega de reunir todas as outras. Não saberia dizer um único defeito da Bia.

## NA PORTA AO LADO

– Como foi a viagem? – perguntei e, em seguida, abracei o Bruno. É claro que já tínhamos trocado mensagens de texto, mas é muito mais gostoso saber ao vivo.

A Bia foi com os pais para Paris, muito chique. Mas não foi só isso... O Bruno foi junto. Quando soube, quase caí para trás. Não é toda menina de quinze anos que pode viajar para uma cidade tão romântica com o namorado. A sorte é que a mãe do Bruno é a melhor amiga da mãe da Bia, o que facilita tudo!

– Foi linda! – respondeu ela com os olhos brilhando e deu um estalinho no Bruno, fazendo meu coração se derreter.

– Foi mesmo – concordou o Bruno. – E as suas férias?

O que eu ia falar? Minhas férias foram tediosas e podem ser resumidas em cinco itens:

1. Fim de semana com a vovó em Nova Friburgo;
2. Corridas em Santa Teresinha;
3. Hora de Aventura — desenho animado viciante que o Bruno me indicou e eu **ADOREI**;
4. Pri no Rio. Só consegui suportar o mês de janeiro porque a Priscila voltou de viagem depois do réveillon e me fez companhia quase todos os dias;
5. Meus livros! Li Extraordinário, da R.J. Palacio, Rari e o sino da divindade, do fim Aotsu, e dois títulos da série A Seleção, de Kiera Cass: A seleção e A elite. Tenho um caso de amor e ódio com essa série, acho a protagonista uma chata, mas, quando começo a ler, não consigo parar. Quando tiver lido todos, vou poder formar minha opinião.

– Ótimas – menti, desanimada. – Li, assisti a filmes e seriados, corri...

– Correu? – perguntou a Bia.

– Em dezembro, depois de tudo, a Beta me chamou para correr. No início eu recusei, vocês sabem que eu sempre morri de preguiça até das aulas de Educação Física, mas ela insistiu, e eu tenho que admitir que gostei, gente! É sério. Eu me sinto bem. Eu corro gargalhando...

– Gargalhando, Carol? – perguntou a Amanda, confusa.

– É! Eu sei que parece loucura, mas quando corro eu consigo esquecer tudo. Estou correndo quase todos os dias.

– Você correndo? Todos os dias? – perguntou, incrédula.

– Quase todos, Bia – corrigi. – Dia sim, dia não. É bom, vocês deviam tentar.

– Talvez. Vou começar correndo até a minha cama – a Bia zombou, e eu revirei os olhos.

– E eu? Comigo você não fala, não? – a Amanda me deu uma bronca.

A Amanda é ótima, apesar de ciumenta. Ela também pode ser um pouco impaciente, mas a gente sabe que não é por mal, é só o jeito dela. Ela foi para Curitiba passar as férias com o pai, logo depois da nossa formatura, e nos falamos diariamente por mensagens.

– Claro que falo! Só que a gente que não para de tagarelar – brinquei, abraçando-a.

Amanda se afastou, me olhou com carinho e disse que tudo ficaria bem. Eu me segurei para não chorar. Elas nunca forçam a barra, sempre tentam me distrair e animar. Lá em casa a vida estava de cabeça para baixo. Além da “grande novidade”, mamãe ainda tinha decidido abrir uma confeitaria em abril. Dois megaventos em menos de seis meses. Ela queria ficar careca, só pode!

– Você sabe que estamos aqui, não sabe? – perguntou a Bia, colocando a mão em meu ombro.

– Sei – falei, me esforçando para sorrir.

– Então vamos mudar de assunto! – falou a Amanda.

– Cadê o Igor? – perguntei, de brincadeira, e a Amanda me olhou com cara de apaixonada.

Amanda conheceu o Igor ano passado, na festa de 15 anos da Bia, em que ele trabalhou de *barman*. Eles começaram a sair em agosto e, para nossa surpresa, estão namorando desde então. A gente não imaginava que isso fosse acontecer, afinal ele tem vinte anos. Eu acho um pouco esquisito namorar um cara cinco anos mais velho, mas ela não me escutou quando falei isso. Também, ficava difícil com a Beta incentivando e dizendo que meninos mais velhos são mais interessantes.

A vida social da Amanda tinha se tornado completamente diferente da nossa. Não sei nem como a mãe dela deixava. O Igor a carregava para todo tipo de festa. Ela nos chamava para uma ou outra, mas eu não sou festeira. Só gosto de sair quando sei que vou encontrar todos os meus amigos, caso contrário não vejo a menor graça. Prefiro ficar em casa, conversando com as meninas, comendo besteira, vendo filmes...

Enquanto a Amanda tagarelava sobre o Igor, eu meio que desliguei. Sorria para ela, mas o sorriso era na verdade por estar ali com as meninas novamente, no primeiro dia de aula no Ensino Médio, começando uma nova etapa, com novos desafios, mais estudos e o chefão da última fase: o vestibular. Se bem que não sei se gosto de tanta novidade. Talvez fosse melhor estar tranquila no colégio, para conseguir enfrentar tudo o que estava acontecendo lá em casa. Por outro lado, com tantos trabalhos, provas e simulados, ficava mais fácil esquecer tudo.





## VIRADA NO JOGO

O sinal bateu, e os alunos do lado de fora da escola entraram. Andamos em direção à sala de aula, ainda envergonhados com o novo ambiente, afinal, mudamos de unidade e passamos a fazer parte da turma mais nova.

Entrávamos no prédio quando ouvimos a Roberta gritando do portão. Ela estava de mãos dadas com a Pri, e as duas sorriram e correram em nossa direção. A Pri deu um oi geral e disse que precisava ir correndo ao banheiro. Quando ela saiu, a Beta fez o maior carão para a gente.

– Ela está muito pentelha! Só fala do tal carinha de Nova York.

– Ah, Beta! Para de implicar – disse a Bia. – Ela está apaixonada.

A Priscila foi visitar a irmã em Nova York e, na última semana de viagem, ficou com um menino coreano, o Bae, por quem estava toda apaixonadinha.

– Mas ela tem que saber que tem limite, né?! – disse a Beta, colocando o dedo na boca para fazer sinal de vômito.

A Beta é muito divertida e ama passar o tempo com a gente falando besteira, mas não tem muita paciência para mimimi. Ela é a mais madura de todas nós e fica entediada se ficamos choramingando sobre algum assunto. Ela sempre diz que nossos problemas não são tão terríveis quanto parecem e logo arruma um jeito de solucioná-los, como a ideia da corrida, que realmente tem me ajudado.

– E aí, Carol?! – Ela me abraçou. – Pronta para a mudança?

Olhei para ela querendo estrangulá-la por tocar no assunto.

– Eu já disse que não quero falar sobre isso.

– Ah, Carol...

– Alguma novidade? – perguntei, tentando mudar de assunto.

– Seu padrasto vai nos dar aula na quarta e na quinta – disse ela me entregando o papel com o horário. Eu quase tive um ataque do coração.

É impossível fugir mesmo desse assunto, mais cedo ou mais tarde eu teria que encará-lo. É claro que não ia fazer isso com calma, então explodi:

– Tantas escolas na cidade! Parece perseguição. Eles sabem muito bem que não estou ok com isso tudo. Me fazem ir para São Paulo conhecer aquele outro infeliz, que, obviamente, arremou uma desculpa para não aparecer no jantar. Quem não faria isso? Forçaram uma mudança às pressas, um casamento desesperado. Para quê? Até parece que vão morrer amanhã! – falei tão rápido que quase engasguei.

Por mais que eu não quisesse conversar sobre aquilo, colocar tudo para fora aliviou o nó que eu estava sentindo na garganta. Minha mãe estava me fazendo engolir esse casamento goela abaixo sem nem perguntar se eu concordava. Ela já foi apresentando o cara e avisando que estava noiva. Isso mesmo. N-O-I-V-A! Ela ia CASAR!

– É o amor – falou a Roberta, piscando os olhos e quebrando a minha onda de alívio. Ela às vezes é tão incoerente que chega a ser irritante. Alguém que me deu força para ficar em “paz comigo mesma”, me incentivou a me exercitar para desestressar... passa a implicar comigo dessa forma?!

– Você está falando sério? Você tirou o dia para me fazer mal, é isso? – briguei com ela. – Eles podiam me dar um pouco de espaço. É só isso que eu peço.

– É hoje? – a Roberta perguntou e eu baixei a cabeça desejando que não fosse. Mas aquele era o dia da mudança para a casa nova. O casal de pombinhos comprou um apartamento no Bairro Peixoto, em Copacabana, e eu teria que me despedir da casa onde cresci, em Santa Teresa. – Posso te fazer uma pergunta? – continuou ela.

– Já está fazendo – falei sem paciência.

– Outra! Você sabe que sou curiosa.

Eu sabia exatamente o que ela ia perguntar.

– Não sei dele, não quero saber e tenho raiva de quem sabe – falei e vi que ela se surpreendeu com a resposta. – Eles estavam há um mês querendo juntar essa porcaria de família e, quando minha mãe consegue me arrastar para lá, ele some e desliga o celular. Eu posso não ser a favor dessa união, mas não sou tão mal-educada assim!

Desde aquela noite eu criei uma implicância com o filho do Carlos, noivo da mamãe. Ela me convenceu a dar a ele mais uma chance, quando me contou que ele perdeu a mãe muito novinho. Pensei que, talvez, pudéssemos nos entender, afinal temos algo em comum. Mas ele foi superantipático ao sumir sem avisar. Esperamos horas no restaurante no maior climão, é claro. Eu também não ajudei em nada. Fiquei grudada no celular conversando com as meninas, e eles, naquele silêncio constrangedor. Foi uma noite ridícula.

A Pri nos alcançou e nos despedimos do Bruno, que é de outra turma. Ao entrarmos na sala, vimos que as carteiras da frente estavam todas ocupadas e nos entreolhamos, preocupadas. Sempre fomos as primeiras da fila. Tivemos que sentar nas carteiras do meio, e logo depois o professor entrou e a turma inteira ficou em silêncio. Não por muito tempo, claro.

É quase impossível não ficar agitado no primeiro dia de aula. Só não esperava que fosse o meu grupo a começar o papo. A Roberta estava eufórica com alguma coisa e falava sem parar com as meninas. Eu tentei permanecer na minha para não causar uma má impressão. Assim que a aula terminou, não me agüentei de curiosidade e me juntei a elas, percebendo que estavam falando sobre um menino encostado na parede do outro lado da sala. Ele estava de jaqueta de couro preta (em pleno VERÃO), o cabelo todo penteado para trás, com um fone enorme pendurado no pescoço. O estilo dele me chamou a atenção por ser meio retrô, me senti assistindo a *Grease*, sei lá.

– Vem cá... Vocês não estão namorando? – brinquei, entrando na conversa.

– Ah, mas eu adoro uma novidade – respondeu a Amanda.

– Gente, gaaaaato – falou a Bia.

– Ihhh... Alguém vai brigar com o namorado hoje – a Beta brincou.

– Até parece! Não posso achar o menino bonito? – perguntou a Bia.

– Pode. Só não pode babar tanto – provocou a Roberta.

Todas rimos e voltamos a olhá-lo.

– Gente, em que ano estamos? – brinquei. Mas confesso que fiquei admirada. Ele tem cara de *bad boy* dos filmes antigos e isso o deixa extremamente charmoso.

– Eu vi primeiro! É meu! – A Roberta levantou a mão bem alto para tentar marcar o território, mas foi vaiada por todas nós.

– Você usa essa desculpa para todos os meninos – falei.

Ela pode ser a última a ver o cara, mas sempre dirá que o viu primeiro.

– Mas eu sempre vejo primeiro – disse ela, nos fazendo rir.

– Só se for nos seus sonhos, né?! – zombou a Pri. – Será que ele é daqui?

– Não tem cara – respondeu a Bia.

– Ele é meio James Dean – falei, e as meninas suspiraram.

– Quem é James Dean? – perguntou a Roberta, e a Amanda revirou os olhos.

– Lá vamos nós – disse a Amanda, em tom de crítica.

– Um ator, Beta! – respondeu a Bia, e a Amanda riu.

– Ah, gente! Para de ficar me zoando. A gente parou de ser perturbada pela escola inteira, mas eu continuo sofrendo bullying de vocês, é isso mesmo? – disse a Beta e vi que a Amanda se sentiu um pouco culpada. – Mas, diga aí, Carol! – Ela se virou para mim. – É um ótimo passatempo para você. Está precisando de uma boa distração – disse ela, piscando o olho e me fazendo rir. Infelizmente, acho que nem um namorado poderia me fazer esquecer todas as mudanças horríveis que estão acontecendo na minha vida.

– Ele me lembra muito alguém – disse a Bia, pensativa.

– Quem? – perguntou a Amanda.

– Quando lembrar eu falo – disse ela, pegando o celular, provavelmente para ajudar a memória.

Os alunos que saíram da sala no intervalo dos primeiros tempos voltaram acompanhados do professor Pimenta, que mal entrou e já fez uma de suas piadinhas incompreensíveis. Tivemos aula com ele no oitavo ano, e a sua diversão é torturar

os alunos com deveres e mais deveres. Não imaginei que fosse possível tanta gente levar bomba em literatura. As provas são dificílimas. Precisamos saber todos os detalhes de cada movimento literário, os autores que fizeram parte e seus contemporâneos. É tanta informação que a gente acaba se perdendo. É bem complicado, mas eu adoro!

– Muitos de vocês aqui me conhecem. Meu nome é Pedro Pimenta, dou aula de Literatura e sou extremamente chato – falou ele finalmente.

– Ah, isso é – brincou um aluno, do fundo da sala, e todos rimos.

– Não quer ser reprovado novamente, não é, sr. João? Já vai começar o ano com dever extra – disse ele, mais sério, e em seguida observou a turma. – Temos alguns rostos novos este ano. Por favor, gostaria que vocês se apresentassem. Nome, de que escola vieram e que carreira querem seguir.

Ao todo, são dez alunos novos, e o Pimenta fez questão de escutar um por um. Quando se aproximou do menino de jaqueta de couro, o professor disse:

– Você tem cara de quem faz parte de uma banda! – brincou. O menino pareceu não se importar e confirmou com um aceno de cabeça. – Vamos lá. Toca o quê?

– Gaita. E canto – respondeu ele, e as garotas da turma suspiraram. Parecia cena de filme! Mas tenho que admitir que no fundo suspirei também. Que coisa mais fora do comum! Ele toca gaita! Nunca conheci alguém que tocasse esse instrumento.

– E vocês tocam o quê? Que tipo de música? – O professor continuou o interrogatório.

– Folk, rock, blues... o que der na telha – respondeu o menino, e percebi que o Pimenta se interessou.

– Você me lembra o Alex Turner!

Ao escutar isso, a Bia deu um salto da cadeira.

– Era isso! – gritou a Bia fazendo todos virarem para olhá-la. Percebi que as meninas, assim como eu, estavam se segurando para não rir. A Roberta até escondeu o rosto para não cruzar o olhar com a gente e acabar tendo um ataque de riso.

– Beatriz? Você tem alguma coisa para compartilhar conosco? – perguntou o professor.

– Não, Pimenta! Desculpa. Eu... eu estava procurando uma coisa aqui na mochila... e já achei! – mentiu ela, me fazendo ficar com mais vontade ainda de rir.

– Você acha engraçado interromper o seu colega de turma? – perguntou ele com ar muito sério.

– Desculpa, Pimenta. Não era a minha intenção. Desculpa mesmo. É que eu estava preocupada de verdade com isso.

O professor não pareceu acreditar e ficou de cara fechada por alguns segundos. Depois virou para o menino e perguntou o nome dele.

– Tomás. Tomás Araújo Fonseca.

Eu sinceramente não sei o que está acontecendo na minha vida. Deve ser um inferno astral eterno, talvez os planetas tenham se alinhado e resolveram me perseguir, porque não é possível. Eu não fiz nada de ruim a ninguém.

Pronto. Começo de ano perfeito. O gato da turma é o filho do meu padrasto!



Copyright © 2015 by Luiza Trigo

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

*Printed in Brazil* / Impresso no Brasil

#### ROCCO JOVENS LEITORES

##### GERENTE EDITORIAL

Ana Martins Bergin

##### EDITORA RESPONSÁVEL

Elisa Menezes

##### EQUIPE EDITORIAL

Larissa Helena

Manon Bourgeade (arte)

Milena Vargas

Viviane Maurey

##### ASSISTENTES

Gilvan Brito (arte)

Silvânia Rangel (produção gráfica)

##### REVISÃO

Joana De Conti

Sophia Lang

Wendell Setubal

##### ILUSTRAÇÃO

Irena Freitas

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

T747n Trigo, Luiza  
Na porta ao lado / Luiza Trigo; Primeira edição –  
Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.

ISBN 978-85-7980-247-8

1. Romance infantojuvenil brasileiro. I. Título.

15-20749

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Impresso na Edigráfica Gráfica e Editora Ltda. – Rio de Janeiro/RJ